

---

---

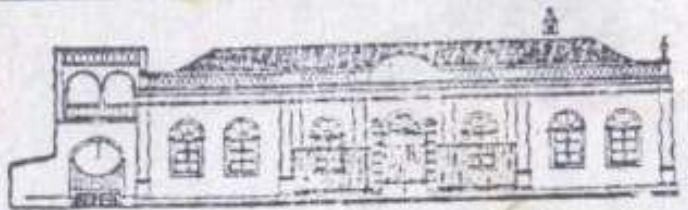
Júlio Dantas

As Modas Masculinas  
do Século XIX em Portugal

*apenas*

---

---



Casa da Cultura António Bentes  
S. Brás de Alportel

**Biblioteca**

Inv. N.º 2669

Cota N.º 10-24  
~~10-24~~

Júlio Dantas

As Modas Masculinas  
do Século XIX, em Portugal

• apenas

© Apenas Livros Lda.

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.  
1750-140 Lisboa  
Tel/fax 21 758 22 85  
apenaslivros@oninetspeed.pt

Depósito legal nº 217282/04  
ISBN: 972-8777-77-9  
1ª edição: 150 exemplares  
Outubro de 2004  
Publicação nº 88

Revisão de Luís Filipe Coelho  
Colecção ORA E OUTRORA, 11  
*Dirigida por Margarida Leme*

**[www.apenas-livros.com](http://www.apenas-livros.com)**

Pina Manique, com o *Código de Polícia de Luís XIV* e o *Tratado de Polícia* de Willebrand debaixo do braço, a *Instrução Secreta* de D. Maria I no bolso da casaca, e a imperturbável luneta de punho de ouro colada à órbita esquerda, decidira, ao primeiro assomo do ano de 1800, prosseguir inintermitentemente as modas extravagantes.

Já vinha de longe a embirração do Intendente por todas as demasias de vestuário, mas agravara-se com a preocupação do luxo jacobino e licencioso. As túnicas ligeiras, as pantalonas cor de carne, os decotes imensos que a Revolução inventara, as jóias nos bicos dos peitos, os anéis de esmeraldas nos dedos dos pés, todo o luxo extravagante das «maravilhosas» e dos *muscadins*, importado especialmente para Portugal pelas cómicas e bailarinas de S. Carlos, tinham dado lugar a repetidos avisos de Pina Manique para o conde de Vila Verde. A fúria moralizadora desse cão de guarda do regímen não fazia excepções. Perseguia o *maillot* cor-de-rosa da italiana Fiorini, amante de Marcos Portugal, ou o decote escandaloso da condessa da Ega, com o mesmo rigor democrático e nivelador. Mas não só as mulheres mereceram a atenção dos seus esbirros e das suas «moscas»: também os homens. Para o velho Desembargador, era jacobino todo aquele que não usasse cabeleira polvilhada, a casaca de seda negra e os sapatos de fivela de prata dos jarretas de 1770. Bastava trazerem-se luvas - terrível sintoma de jacobinismo!

- ou tirar-se da algibeira uma caixa de rapé com a figura de Vénus pintada a sair das ondas, para se ser imediatamente agarrado por um *mouchard* da Intendência. Estava proibido o jogo da bola e as fitas nos chapéus. Determinadas bengalas semelhantes aos *gourdin* dos «incroyables» eram olhadas como um símbolo revolucionário. Um homem que se lembrasse de ler pela rua, já não digo Rousseau, mas o próprio *Gil Braz de Santilhana*, estava perdido. Uma cabeleira de bolsa à antiga, bem polvilhada, com o seu *bor-de-front* alto e o seu rabicho, era a melhor recomendação para a Intendência de Polícia e para as graças do conde de Vila Verde; pelo contrário, se lhes aparecia uma cabeça chamorra, revolucionária, rapada *à la Brutus*, ou com as «orelhas de cão» caídas por diante de uma gravata preta de garrote, então o pretendente podia deitar as contas à vida e fazer as malas para a cadeia. Um laço vermelho, um colete vermelho, podiam ser a liquidação de um homem. Era o Terror de guarda às elegâncias do princípio do século, metendo o nariz pelas berlindas douradas, pelo recesso das alcovas, pelos confessionários da igrejas. Para vestir umas ceroulas era precisa a licença de Manique. Para cortar o cabelo era necessário o beneplácito da Intendência. Ai daquele que aparecesse nas ruas de Lisboa com um chapéu alto à Theroigne de Mèricourt! Ai do chapeleiro que lho vendesse!

Entretanto, imperceptivelmente, a transformação das modas masculinas foi-se fazendo. O peralta do tempo de D. Maria I, o «francelho-mor», como lhe chamava Filinto, espécie de boneco falando em falsete, mulherengo, com a face pintada de cor-de-rosa, sinais de tafetá no rosto, «rolos» enormes para alongar as pernas, fivelas de ouro imensas nos sapatos, sempre aos ais, sempre aos gemidos, começou pouco a pouco a virilizar-se, a modificar-se, a



Um elegante de 1818



O tromblon de 1820



O carrick, 1838

ganhar mais gravidade e mais dignidade. O casquilho de 1803 já é mais homem que o peralta de 1780: entretanto – *credit poster!* –, ainda usa brincos nas orelhas, pinta os beijos de carmim e namora aos suspirinhos, em passo de dança e mordendo o lenço como os «faceiras» de D. João V. As cabeleiras de popa, cobertas de polvilhos de França, acuminando a frente e rematando sobre a nuca na clássica «castanha» atada com uma fita cor-de-rosa (Figueiredo, *Pais de Famílias*, acto 1<sup>o</sup>, cena 1<sup>a</sup>) dão lugar à cabeça «à Tito», à cabeça «à romana», redonda, nua, intensa, na exibição clara de todas as bosselagens do crânio (*Crítica das Modas Extravagentes*, folheto de cordel, ano de 1805, 42). Já não se vêem os grandes redingotes de manga larga e curta, «com golas tão largas que parecem murças», como diz um poeta anónimo do tempo (*Queixas de Clorindo*, ano de 1782, fl. 9); as casacas ou *rocolós* passam a usar-se pequenas, com as mangas franzidas no ombro e muito compridas, de forma que o canhão esconde



O spencer

completamente os dedos, e as golas, menos largas do que as dos peraltas, recurvam-se numa dobra ampla, redonda e afastada do pescoço, como se o pano fosse tão espesso que não tivesse sido possível vincá-lo. Os coletes são minúsculos, abertos, picados de botões de ouro, o seu bordo inferior não passa de metade do peito, e, ao contrário, os calções elevam-se, espartilhados, alongando os casquilhos numa elegância pernalta, com dois bolsos à frente para os grilhões dos relógios (usavam sempre dois) e um bolso atrás para a caixa de rapé. O crítico das *Modas Extravagantes* de 1805 dá em dois simples versos a impressão rápida e caricatural do modo de vestir dos «casquilhos» do tempo:

*Os calções são de gigante  
E os coletes de pigmeu!*

Se juntarmos a isto o efeito de uma gravata enorme, tufada, alta, enroscada ao pescoço em vinte voltas, quase sempre preta, o «tufado lençol» em que fala Filinto (*Obras*, VII, 13), a «gravata de espeque», como lhe chamava o Saunier, representante directa da *cravate écrouélique* da mocidade dourada da Revolução, escondendo o mento e o lábio inferior, dando a impressão de que quem a usa é corcovado (*Crítica às*



A casaca de papo e a bota à hussard



Três elegantes de 1830

uma bengala de castão de ouro lavrado, de jaspe sangui-  
nho ou de dente de elefante, que ele meneará de braços  
arqueados e em passo de dança; se finalmente lhe depen-  
durarmos das algibeiras das calças os perendengues dos  
relógios comprados por bom dinheiro no Pires ou no Pol-  
let, os melhores relojoeiros do tempo -, não há dúvida que  
temos diante de nós o tipo do casquilho lisboeta de 1805,  
imitação portuguesa do *incroyable*, degenerescência revo-  
lucionária do «peralta», ovo goro ridículo da elegância  
*muscadine*, que foi pena que não tivesse entre nós um Ver-  
net a fixá-lo, nas cintilações insolentes do seu lápis de dia-  
mante. O casquilho já era ridículo calado; calcula-se bem o  
que seria a falar. A sua mania, o seu supremo desejo, a  
sua preocupação única era o «desdém de ser portu-  
guês» (*Crítica às Modas Extravagantes*, ano de 1805, 19). Diz  
o poeta anónimo, na quadra 21:

*Modas Extravagantes*, 85); se  
lhe pusermos na cabeça  
um chapéu de dois bicos, o  
«timão à holandesa» de  
Bocage, espécie de grande  
lua de feltro ou de seda,  
colocada ao viés, com os  
bicos para os lados e  
amantilhada aos cantos  
(*op. cit.* 84); se lhe meter-  
mos «seu livro de fitinha  
na algibeira, noutra a pon-  
ta do lenço debruça-  
da» (Filinto, *Op.*, VII, 13);  
se lhe dermos para a mão

*Porque estive um dia em Londres  
E na França dois ou três  
Volta depois affectando  
Já não saber português.*

A linguagem falada, ainda em falsete, pelo casquilho lisboeta, passa a ser um francelho pretensioso, pintalgado, amaneirado, dançado, eriçado de galicismos impertinentes. Faz mal aos nervos ouvi-lo, recostado nas poltronas das salas, acantonado nas «forçuras» do teatro, recostado no nicho dourado dos coches e das berlindas, acotovelando o balcão das lojas elegantes, a casaca a fugir-lhe do corpo, os brincos a luzirem-lhe nas orelhas, a gravata preta a garrotá-lo, a luneta de punho de ouro e um vidro só alpendrada pelo supercílio, espreitando as «lauras» e as «laurinas», falando em Platão e em Sócrates, em Píndaro e em Bruto, e debitando as francesias enjoativas que Filinto (*Op.*, tomo VII, 9) põe na boca dum bandalhinho do tempo:

*«Elèves» meus «chamants», eu sou gostoso  
De ver quanto «frissona» a nossa moda:  
Graças vos dou da contumaz «conducta»  
Com que este nosso «affaire interessante»  
«Puxais» com nobre ardor e dais «ressourça»  
Às damas...*

Mas não havia só o «casquilho paisano»; também havia o «casquilho militar». A tolerância no exército era extraordinária.



*Os casacas de briche, deputados de 1820.*

Os uniformes variavam de oficial para oficial; os cadetes nobres usavam abotoaduras de ouro, à sua escolha, moda extravagante que sugeriu a oferta da abotoadura de diamantes ao general Lannes. Os oficiais, mesmo os de patente alta, furavam as orelhas e punham brincos, que lhes luziam por entre as madeixas em «orelha de cão». A companhia de Malta era uma «guarda de casquilhos». Namoravam, de lenço na boca e flor nos dedos, arrastavam as espadas, empluma-

vam os penachos, tiniam as esporas, pintavam os beiços de carmim, e passeavam no Rossio a ver desfilar, de coche e de berlinda, os josezinhos encarnados e os lenços de cambráia:

*Desfilam os militares  
Que da tática zombando  
Cuidam só em ter penacho  
E as espadas arrastando;  
E usam nas orelhas brincos  
Para que as línguas malteadas  
Digam que têm as cabeças  
Como as orelhas, furadas.*

Mas, em breve, pela invasão e pela influência inglesa, tudo muda. O exército, coalhado de oficiais ingleses, disciplina-se, viriliza-se na guerra; os fidalguinhos cadetes, de brinços nas orelhas e face pintada de carmim, desapareceram; o dandismo severo de Lord Wellington, de Sir William Carr Beresford, de John Shadwell Conell, de John Hamilton, vermelho, um pouco rígido, chamarrado de ouro nas golas, succede à casquilhice feminina do «francelho» militar do fim do século XVIII. Os marchais e tenentes-generais ingleses, com a sua verde velhice, a sua face rósea e glabra, o seu cabelo ainda louro, a sua sobriedade seca e solene, dão na Lisboa de 1812 o *la* das elegâncias. Os nossos oficiais imitam-nos, perseguem-nos, copiam-lhes os gestos, o aprumo, o modo de andar, as palmas de ouro do fraque cor de tijolo, o bicorne presilhado posto à banda na cabeça, as grandes espadas, as faces barbeadas de medalhão romano. Com a anglofilia nos costumes militares, vem a anglofilia nos costumes civis. A simplicidade, a sobriedade, a virilidade começam a caracterizar as casacas de seda preta, e os calções de meia também preta, coleantes, com a nota sumptuosa dum grilhão de ouro a romper do colete curto. Ao *miscuitin* succede o *fashionable*.



*A infatível casaca de  
D. João VI*

Entretanto, na sombra, a revolução preparava-se. O sinédrio, onde se levantam as figuras glabras e declamatórias de Fernandes Tomás, de Borges Carneiro, de Silva Carvalho, conspira, numa ânsia imensa de liberdade e de nacionalização. Surgem, com as primeiras rajadas de oratória romana, as primeiras casacas de briche. É a elegância tripeira, revolucionária, vintista, pé-de-boi. A saragoça, o briche, a estamena nacionais, que tinham aparecido no terceiro quartel do século XVIII, ao impulso nacionalizador e proteccionista de Pombal, ressurgem em 1820 pela mão burguesa dos revolucionários do Porto. O sinédrio resigna-se a trazer as casacas de briche, por não poder trazer as togas pretextas dos senadores romanos. Debalde as casacas de seda negra, as cabeleiras empoadas e as grandes fivelas de prata do marquês de Olhão, do conde de Redondo, do beato D. Miguel Pereira Forjaz, da regência do Reino e dos conservadores, mantêm inalterável a elegância característica do velho regimen. O briche, a saragoça, o burel, a estamena que el-rei D. José forrava de cetim branco e de que fazia os seus capotes de caça, voltam na asa da Revolução, vestem os arcaboços torchados e hercúleos dos burgueses tripeiros, e em vez de se afeiçoarem em ferragoulos e capotes, josezinhos e capeirões, surgem nas casacas grosseiras de grande gola encanudada, voltada, debruada, sobre coletes imensos de baetão vermelho abotoados em prata. É a elegância jacobina. O bom revolucionário de 20 conhece-se pelo chapéu alto de pêlo, pela casaca curta de briche, pela



O Marquês de Palmela  
(à direita, em 1840).

gravata de seda preta ou branca enrolada em três voltas ao pescoço, pela bota alta sem lustro, de presilhas saídas, pelo lenço de Alcobaca no bolsão traseiro, e pelo enorme colarinho branco de bretanha, cujas pontas lhe sobem em bico pela face, refregando-lhe a pele dos queixos rapados. É Este figurão que inicia entre nós o regimen parlamentar, que faz o primeiro discurso nas Câmaras, que dança a primeira valsa nos *Tivolis*, que assiste à primeira récita do *Catão* na Rua dos Condes, que é convidado em lâminas de prata para o primeiro baile da *Assembleia Estrangeira* e que permite pela primeira vez em S. Carlos as pantalonas cor-de-rosa da bailarina Coralli.

Mas, era ele o supra-sumo da elegância portuguesa de 1820? - perguntarão. Não era. Assim como o tempo de D. João V teve o «bandalho»; o tempo de D. José, o «faceira»; o tempo de D. Maria I, o «peralta», e o princípio do século o «casquilho» e o «francelho» -, assim o vintismo revolucionário teve como supremo elegante o «pisa-flores». O «pisa-flores» é ainda um pouco o *fashionable*: veste casaca de briche preto ou de pano verde escuro, com forro de seda; usa chapéu alto, onde mete o lenço, os perfumes, as escovas, o espelho; traz colete curto de ramagens com botões de ouro; penteia a cabeça na *Cate-*

*lineau* da Rua dos perna pantalonas terrível calça com-que pela primeira bota; e num andar do os braços, jogueteando a ben-namora para as pontinha do lenço, amada «meu sim», ta», «meu tudo», bate com as luvas dril enquanto anda, miúdos, saltitados, pé ali, corre as ala-*Passero*, borboltean-



D. Miguel

do, como quem vai pisando flores, entre os alegretes de azulejos e os grupos das elegantes vestidas rigorosamente de azul e branco, à Constituição (*Conversação das Senhoras antes do Chá*, 2<sup>o</sup>, col. de cordel, 1822). Bandalho, faceira, peralta, casquilho, francelho, pisa-flores - não são mais do que fases sucessivas do mesmo tipo. Com um redingote de seda ou uma casaca de briche; uns brincos nas orelhas ou um queixo mosqueado por uma perinha de chibo: uma cabeça de bolsa, empoadada, frisada, encanudada ou um crânio rapado e chamorro à romana; um quitó dourado e um tricorne ou uma bengala e um *tromblon*; uns sapatos de fivela de prata ou uma calça de metim com presilha -, o elegante português do século XVIII e do primeiro quartel do século XIX é sempre o mesmo patetinha alegre, o mesmo salta-pocinhas adamado e ridículo, o mesmo homem, o mesmo molde, o mesmo cabide, a mesma caricatura.

A verdadeira elegância só aparece mais tarde, com a volta da corte do Brasil. O vintismo, com o seu briche e a sua eloquência romana, fora apenas um episódio. Voltam ainda, é certo, as casacas de seda do antigo regímen; aparecem cabeleiras de rabicho e fivelas de prata nos jarretas desembargatórios; a «infalível casaca» de D. João VI, de seda cor de castanha, crivada de treze crachás, com bolsos debruados de couro para o rapé, traz ainda consigo o mesmo carácter, o mesmo feitiço *gauche*, o mesmo ar século XVIII das casacas de Pina Manique; o palacianismo fóssil tenta perpetuar ainda os mesmos costumes e as mesmas modas, como protesto ao vintismo pé-fresco; mas a elegância moderna impõe-se, triunfa -, uma elegância masculina, britânica, viril, que já não tem nada de comum com a casquilhice dos «francelhos» de Filinto nem com o ridículo dos «pisa-flores» de José Daniel. Palmela, chegado de Londres, é o tipo do *dandy* com a escola de Sir George Brummel e de Lorde Spencer -, calmo, impassível,

desesperadoramente correcto, inverosimilmente sóbrio. O seu dandismo e a beleza pálida e nobre do seu perfil de medalha fazem sensação entre nós. Todos o imitam. Os últimos polvilhos das perucas cortesãs caem ante a sua cabeleira loira, penteada à inglesa; as velhas casacas de cor, com algibeiras «de pastrano» e largas abas, punhos de rendas e crachás de diamantes, cedem o passo à casaca de pano preto com botões de ouro, ao peitinho de bretanha picado de rendas onde cintilam jóias, à gravata de cetim preto de três voltas, ao pequenino bicorne preto, que durante os bailes se conserva galantu-



O bicorne dos elegantes miguelistas

mente debaixo do braço. Palmela seria o único modelo de elegância na corte de D. João VI, se um outro grande fidalgo lhe não disputasse a primazia: o velho e nobilíssimo marquês de Loulé, o bravo general da legião portuguesa, o ainda verdadeiro amante da famosa Fanny Grenier, o pretendido rival do infante D. Miguel nos amores com a bailarina Bruni. Um, era a severa elegância britânica modelada do perfil nobre de Jorge IV de Inglaterra; o outro, a elegância sumptuosa e *lapageuse* dos marechais do Império, copiada de Ney e de Murat, resplandecente de ouro e radiosa do prestígio das batalhas. Estes dois homens, supremos ditadores da moda no seu tempo, marcaram precisamente as duas correntes a que obedeceu a elegância romântica na primeira metade do século XIX: a influência inglesa e a influência francesa -, favorecida a primeira pela emigração, a segunda, pela literatura. O príncipe D. Miguel, esse estoura-vergas toureiro e boleceiro que a tradição nos mostra a rebentar cavalos, de pampilho sob a perna, calção de briche e espora de ferro de

Guimarães, foi, no seu regresso de Londres - quem o havia de dizer! -, um dos mais directos influenciados do dandismo britânico. O retrato de Queluz, pintado por Giovanni Ender em 1827, é o documento irrefusável dessa elegância sóbria, tornada ainda mais impressionante pela beleza italiana e pelo ar de raça do ilustre príncipe: um Bourbon e um Marialva. Mas a decisão influencia a emigração só se faz verdadeiramente sentir depois de 1834. Durante o terror miguelista (1828 a 1832) não há tempo para pensar em modas; volta a sara-goça, volta o briche nacional; a *jeunesse dorée*



A sobrevassaca de abelha, 1842.

corcunda e de envolta negra dos niza curta nha, põe na i m e n s o to, envolve- tão de bri- c h a m a roga», usa pele, de gambrum,



A jeunesse-dorée de 1840

ta de um vidro só, e empunha o clássico e inseparável cacete dos «burros» - um cacete que foi uma instituição, nodoso, enorme, entroncado de carvalho ou de zambujeiro, aporcionado de ferro ou de cobre, e que uma vez erguido sobre uma cabeça era capaz de fazer um morto dar vivas a D. Miguel. Só mais tarde, passada a guerra civil (1832-1834), com o advento do liberalismo e a volta dos emigrados, a influência inglesa se generaliza e se torna verdadeiramente sensível. A sociedade modifica-se, transforma-se; abrem-se os primeiros salões; uma aristocracia nova, uma plutocracia de *parvenus*, enriquecida à pressa, fura, impõe-se, domina. A revolução na política sucede a revolução no mundanismo. Um grupo de janotas, educados em Londres, vestindo à inglesa, pensando à inglesa, inicia o período áureo da elegância romântica. É seu *leader* o janota João Baptista d'Almeida Garrett.

A elegância romântica, de 1836 a 1860, naturalmente inglesa, distinta, extremamente correcta, escrupulosamente cautelosa, surge dominada pelo medo instintivo do ridículo e pela obediência cega ao figurino. Com a sua aparição, institui-se definitivamente a Moda - degenerescência liberal

das velhas pragmáticas dos séculos xvii e xviii. Os jornais de figurinos aparecem, vulgarizando a reprodução colorida dos modelos franceses e ingleses. Primeiro, o *Recreio* (1840); depois, o *Correio das Damas* (1841); em seguida, o *Jardim das Damas* (1846); e, por último, a *Abelha* (1848), e a *Semana, jornal literário* (1851). O próprio Garrett, o postico, o divino Garrett, irradiante no seu chinó, na sua calça de ganga franzida, na sua casaca verde-bronze com botões de ouro, no seu espantoso colete de floripóndios, na sua capa à Lorde Byron, cria um jornal de modas, *O Tocador* (1846), de que se publicam um ou dois números. As extravagantes concepções dos alfaiates de Londres ou dos *lêões* ou dos *gandins* ditadores da moda em Paris são exibidas pontualmente na plateia de S. Carlos, nas alamedas do Passeio Público, nos bailes do conde de Farrobo, nas *sauteries* da marquesa de Viana, ou nas sumptuosas recepções da baronesa da Regaleira, com criados empoados à inglesa e caldo de galinha servido em Sévres e ouro. Para realizar os prodígios a que o obriga a Moda, o elegante de 1840 tem de usar espartilho; mas enquanto aperta a cintura como uma abelha, o peito arqueia-se-lhe num papo enorme, recoberto pelo colete de acolchoado, e a sobrecasaca, armada em crinolina, alarga em balão, tufa em «tubos de órgão» e dá ao pobre homem a configuração de um sino. As calças, ora largas à cossaca, ora estreitas à d'Orsay, são de duraque cor de ganga, de caxemira, de borlina, de casineta escocesa ou de cambraião franzi-do; sobem espartilhadas, por debaixo do colete de seda bordado a pérolas ou a ouro, e terminam presilhando a bota de verniz, elegantemente, esticadas no Joelho. O chapéu é o *tromblon*; por excepção, em baile, o bicornio pequeno em vez da claque (*Estampas da Bibl. Nac.*, álbum 7, 118, 165). Há o chapéu alto à Robinson, de abas pequenas, estreitando para

cima; o chapéu alto de seda de Itália, à Morillo, alargando, ao contrário, para a copa; o chapéu de copa imensa e de aba estreitíssima à Bergami, em veludo felpudo; o chapéu à Bolivard, de abas enormes; o simples chapéu alto de castor, da fábrica do Sr. Hirsch, ao Loreto, que todos os jornais anunciam como excelente marca. Durante quinze, vinte anos, o tipo do elegante romântico não muda nas suas linhas gerais: pode aumentar ou diminuir a gola da casaca; alargar ou estreitar as mangas; acolchoar ou desacolchoar o colete; apertar mais ou menos o espartilho; exagerar mais ou menos o *tombion*; usar perinha de chibo ou barba à passapioelho - são simples pormenores que não lhe tiram o carácter. De 1836 a 1851, o janota - seja Garrett ou o príncipe da Cunha, Henrique James ou Rodrigo da Fonseca - conserva-se imperturbavelmente o mesmo, pitoresco, interessante, vivo, suficientemente ridículo para que o achemos hoje adorável, bastante monstruoso para que pensemos, com toda a seriedade, em o imitar.

De 1851 em diante, porém, com a Regeneração, tudo se modifica; o carácter perde-se; as linhas exageradas adoçam-se; com o merinaque e a saia de balão das mulheres, vêem as *constantinas*, espécie de sobrecasacas largas de bacetão com duas ordens de botões dourados, sem cintura, sem roda; a calça é larga também, incaracterística, em pata de elefante; as capas de veludo «à Lorde Byron» e «à melancólica» conservam-se ainda, mas com grandes borlas de seda e cordões pendentes; os janotas aparecem no salão das Kruses pentados à Capoul pelo cabeleireiro Fouché dos Romulares, vestidos de lemiste pelo péssimo alfaiate Caetano da Rua do Ouro. Por fim, todas as notas características se apagam; as próprias golas das casacas tomam quase as proporções de hoje; desaparecem os bofes de rendas; são proscritos os cole-

tus de chale. Gar-luz e a Krus; o hibernava entre os ra a elegância hirta enquadra nas casaca preta -, e ferro toda a tradi-do Romantismo se distante, com as



rett morrera entre a galante Sotto-Mayor gelos da Suécia; é ago-de Fontes que domina, linhas rectas da sua diante dessa casaca de ção do período áureo esvai, numa névoa suas cabeleiras e os



Alberto Garrett.



Em cima, enquanto estudante, à esquerda, no tempo dos bailes das Laranjeiras, em 1848; à direita, em 1850, quando era ministro.

seus espartilhos, as suas cinturas de vespa e os seus fraques verde-bronze, os seus anéis de camafeus e as suas cartas de amor, as suas mãos pálidas e a sua eloquência ateniense...

A elegância do século XIX estava moribunda. O *cache-nez* do conde d'Avila acabou de a estrangular.

(Título original: «Os elegantes e as elegâncias do século XIX em Portugal», *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, III vol. n.º 46, 7 de Janeiro de 1907.)